



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA À ESPANHA
31 DE OUTUBRO - 9 DE NOVEMBRO DE 1982

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
DURANTE A VISITA À PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE DE SALAMANCA

Segunda-feira, 1 de Novembro de 1982

Queridos irmãos

1. Como na minha viagem à Alemanha, desejei nesta visita à Espanha ter um encontro pessoal convosco, professores de teologia nas Faculdades e Seminários. Une-me cordialmente a vós a recordação da minha docência universitária, teológica e filosófica, na Polónia, e sobretudo a persuasão da função relevante da teologia na comunidade eclesial. Por isso já na minha primeira Encíclica, a Redemptor hominis, eu escrevia: "A teologia teve sempre e continua a ter uma grande importância, para que a Igreja, Povo de Deus, possa participar na missão profética de Cristo de maneira criadora e fecunda" (n. 19).

Para me encontrar convosco escolhi esta célebre e esplêndida cidade de Salamanca, que com a sua antiga Universidade foi centro e símbolo do período áureo da teologia na Espanha, e que daqui irradiou a sua luz no Concílio de Trento, contribuindo poderosamente para a renovação de toda a teologia católica.

O breve tempo de que disponho, não me permite evocar todas as egrégias figuras daquela época. Entretanto não posso deixar de mencionar os nomes do exegeta, teólogo e poeta Frei Luis de Leão, do "Doctor Navarrus" Martinho de Azpilcueta, do mestre de mestres Francisco de Vitória, dos teólogos tridentinos Domingos de Soto e Bartolomeu de Carranza, de João de Maldonado em Paris, de Francisco de Toledo e Francisco Suarez em Roma, de Gregório de Valença na Alemanha. E como esquecer os "doutores da Igreja", João da Cruz e Teresa de

Jesus?

Naqueles tempos tão difíceis para a cristandade, estes grandes teólogos distinguiram-se pela sua fidelidade e criatividade. Fidelidade à Igreja de Cristo e compromisso radical pela sua unidade sob o primado do Romano Pontífice. Criatividade no método e na problemática.

Juntamente com a volta às fontes — a Sagrada Escritura e a Sagrada Tradição — realizaram eles a abertura à nova cultura que estava nascendo na Europa, e aos problemas humanos (religiosos, éticos e políticos) que surgiram com o descobrimento de mundos novos no Ocidente e Oriente. A dignidade inviolável de todo o homem, a perspectiva universal do direito internacional (*ius gentium*) e a dimensão ética como normativa das novas estruturas sócio-económicas, entraram plenamente na tarefa da teologia e receberam dela a luz da revelação cristã.

Por isso, nos tempos novos e difíceis que estamos a viver, os teólogos daquela época continuam sendo mestres para vós, a fim de se alcançar uma renovação, tão criativa como fiel, que responda às directrizes do Vaticano II, às exigências da cultura moderna, e aos problemas mais profundos da humanidade actual.

2. A função essencial e específica do trabalho teológico não mudou, nem pode mudar. Já a formulara no século XI Santo Anselmo de Canterbury numa frase admirável por exactidão e densidade: *Fidens quaerens intellectum - a fé que busca compreender*. A fé não é, pois, somente o pressuposto imprescindível e a disposição fundamental da teologia: a conexão entre ambas é muito mais íntima e profunda.

A fé é a raiz vital e permanente da teologia, que promana precisamente do perguntar e buscar, intrínsecos à mesma fé, isto é, do seu impulso a compreender-se a si mesma, tanto na sua opção radicalmente livre de adesão pessoal a Cristo, quanto no seu assentimento ao conteúdo da revelação cristã. Fazer teologia é, portanto, uma tarefa exclusivamente própria do crente como crente, uma tarefa suscitada de maneira vital e em todo o momento sustentada pela fé, e por isso pergunta e busca ilimitada.

A teologia mantém-se sempre dentro do processo mental, que vai do "criar" ao "compreender"; é reflexão científica, enquanto conduzida *de maneira crítica*, isto é, consciente dos seus pressupostos e das suas exigências para ser universalmente válida; *de maneira metódica*, a saber, conforme às normas impostas pelo seu objecto e pelo seu fim; *de maneira sistemática*, isto é, orientada para uma coerente compreensão das verdades reveladas na sua relação ao centro da fé, Cristo, e no seu significado salvífico para o homem.

O teólogo não pode limitar-se a guardar o tesouro doutrinal herdado do passado, mas deve buscar uma compreensão e expressão da fé, que tornam possível a acolhida no modo de pensar e de falar do nosso tempo. O critério que deve guiar a reflexão teológica é a busca de uma

compreensão renovada da mensagem cristã na dialéctica de renovação na continuidade, e vice-versa (cf. *Discurso aos Bispos da Bélgica*, 18.9.1982).

3. A situação da cultura actual, dominada pelos métodos e pela forma de pensar próprios das ciências naturais, e fortemente influenciada pelas correntes filosóficas que proclamam a validade exclusiva do princípio de verificação empírica, tende a deixar em silêncio a dimensão transcendente do homem; e por isso, logicamente, a omitir ou negar a questão de Deus e da revelação cristã.

Ante esta situação, a teologia é chamada a concentrar a sua reflexão naqueles que são os seus temas radicais e decisivos: *o mistério de Deus*, do Deus Trinitário, que em Jesus Cristo se revelou como Deus-Amor; *o mistério de Cristo*, o Filho de Deus feito homem, que, com a sua vida e mensagem, com a sua morte e ressurreição, iluminou de modo definitivo os aspectos mais profundos da existência humana; *o mistério do homem*, que, na insuperável tensão entre a sua finidade e a sua ilimitada aspiração, traz dentro de si mesmo a irrenunciável pergunta do sentido último da sua vida. É a teologia mesma que impõe a questão do homem, para poder compreendê-lo como destinatário da graça e da revelação de Cristo.

Se a teologia necessitou sempre do auxílio da filosofia, actualmente esta filosofia terá que ser antropológica, isto é, deverá buscar nas estruturas essenciais da existência humana as transcendentais dimensões que constituem a capacidade radical do homem de ser interpelado pela mensagem cristã, para o compreender como salvífico; isto é, como resposta de plenitude gratuita às questões fundamentais da vida humana. Este foi o processo de reflexão teológica seguido pelo Concílio Vaticano II na Constituição *Gaudium et spes*: a correlação entre os problemas profundos e decisivos do homem, e a luz nova que irradia sobre eles a Pessoa e a mensagem de Jesus Cristo (cf. nn. 9-21).

Deste modo vê-se que a teologia do nosso tempo necessita da ajuda, não só da filosofia, mas também das ciências, e sobretudo das ciências humanas, como imprescindível base para responder à pergunta "que é o homem". Por isso, nas Faculdades de teologia não podem faltar os cursos e "seminários" interdisciplinares.

4. A fé cristã é eclesial, isto é, surge e permanece vinculada à comunidade dos que crêem em Cristo, que chamamos Igreja. Como reflexão nascida desta fé, "a teologia é ciência eclesial, porque cresce na Igreja e actua na Igreja; por isso nunca é tarefa de um especialista, isolado numa espécie de torre de marfim. Está ao serviço da Igreja e, portanto, deve sentir-se dinamicamente integrada na missão da Igreja, de maneira especial na sua missão profética" (João Paulo II, *Discurso na Universidade Gregoriana*, 15 de Dezembro de 1979, n. 6).

A tarefa do teólogo leva, pois, o carácter de missão eclesial, como participação na missão evangelizadora da Igreja e como preclaro serviço à comunidade eclesial.

Aqui se fundamenta a grave responsabilidade do teólogo, que deve ter sempre presente que o Povo de Deus, e principalmente os sacerdotes e futuros sacerdotes que hão-de educar a fé desse Povo, têm direito a que se lhes expliquem sem ambiguidades nem reduções as verdades fundamentais da fé cristã. "Temos de confessar a Cristo diante da história e do mundo com profunda convicção, sentida e vivida, como o confessou Pedro: *Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo. Esta é a Boa Nova em certo sentido única*: a Igreja vive por ela e para ela, assim como dela colhe tudo o que tem para oferecer aos homens" (*Discurso à Conferência de Puebla*, 28 de Janeiro de 1979, I, 3). "Devemos servir os homens e mulheres do nosso tempo. Devemos servi-los na sua sede de verdades totais, sede de verdades últimas e definitivas, sede da palavra de Deus, sede de unidade entre os cristãos" (*Discurso na Universidade Gregoriana*, 15 de Dezembro de 1979, n. 6).

5. A conexão essencial da teologia com a fé, fundada e centrada em Cristo, ilumina com toda a clareza a vinculação da teologia com a Igreja e com o seu Magistério. Não se pode crer em Cristo sem crer na Igreja "Corpo de Cristo"; não se pode crer com fé católica na Igreja, sem crer no seu irrenunciável Magistério. A fidelidade a Cristo implica, pois, fidelidade à Igreja; e a fidelidade à Igreja, por sua vez, traz consigo a fidelidade ao Magistério. É preciso, por conseguinte, dar-se conta de que, com a mesma liberdade radical da fé mediante a qual o teólogo católico adere a Cristo, se adere também à Igreja e ao seu Magistério.

Por isso, o Magistério eclesial não é uma instância estranha à teologia, mas intrínseca e essencial a ela. Se o teólogo é antes de tudo e radicalmente um crente, e se a sua fé cristã é fé na Igreja de Cristo e no Magistério, o seu trabalho teológico não poderá deixar de permanecer de maneira fiel vinculado à sua fé eclesial, cujo intérprete autêntico e vinculante é o Magistério.

Sede portanto fiéis à vossa fé, sem cair na perigosa ilusão de separar Cristo da sua Igreja, nem a Igreja do seu Magistério. "O amor à Igreja concreta, que inclui a fidelidade ao testemunho da fé e ao Magistério eclesiástico, não separa o teólogo do seu trabalho próprio, nem o priva da sua irrenunciável consistência. Magistério e teologia têm uma função diversa. Por isso não podem ser reduzidos um ao outro" (*Discurso aos teólogos da Alemanha*, Altötting, 18 de Novembro de 1980, n. 3).

Contudo, não são duas tarefas opostas, mas complementares. "O Magistério e os teólogos, enquanto devem servir a verdade revelada, estão ligados pelos mesmos vínculos, a saber, estão vinculados à Palavra de Deus, ao 'sentido da fé' (*sensus fidei*)..., aos documentos da Tradição, nos quais se propõe a fé comunitária do Povo de Deus; finalmente, ao trabalho pastoral e missionário, a que ambos devem atender" (*Discurso à Comissão Teológica Internacional*, 26 de Setembro de 1979). Por isso o Magistério e a teologia deverão permanecer num diálogo, que resultará fecundo para os dois e para o serviço da comunidade eclesial.

6. Caríssimos professores: sabeis que o Papa, que foi também homem de estudo e de

universidade, compreende as dificuldades e as exigências enormes do vosso trabalho, é uma tarefa silenciosa e abnegada, que vos pede a total dedicação à investigação e ao ensino. Pois, o ensino sem a investigação corre o perigo de cair na rotina da repetição.

Sabei ser criativos cada dia, para o que tendes de estar a par das questões actuais mediante a leitura assídua das publicações da mais alta qualidade e o árduo esforço da reflexão pessoal. Fazei teologia com o rigor do pensamento e com a atitude de um coração apaixonado por Cristo, pela sua Igreja e pelo bem da humanidade. Sede tenazes e constantes na contínua maturação das vossas ideias e na exactidão da vossa linguagem. Queria que não esqueceis estas palavras: a vossa missão na Igreja é tão árdua como importante. Vale a pena dedicar-lhe a vida inteira; vale a pena por Cristo, pela Igreja, pela formação sólida de sacerdotes — e também de religiosos e leigos — que eduquem com fidelidade e competência a consciência dos fiéis no seguro caminho de salvação.

A vossa não foi uma tarefa em vão. O número e nível das Faculdades teológicas da Espanha, juntamente com a qualidade das suas publicações, garantem à teologia espanhola um lugar muito digno na actual teologia católica. Queria também colocar em realce a especial importância dos centros teológicos para leigos: são eles uma promessa para o futuro da Igreja.

A minha última palavra de saudação é para vós, caríssimos estudantes. A Igreja confia em vós e tem necessidade de vós. Aprendei a pensar com profundidade. Elevai o vosso olhar às necessidades do mundo de hoje, e sobretudo à necessidade de lhe levar a salvação na Pessoa e na Mensagem de Cristo, a cuja compreensão dedicais a vossa formação teológica.

7. A Mãe comum. Sedes Sapientiae, encomendo as vossas pessoas e trabalhos. Seja Ela, que tão profundamente conheceu o seu Filho e tão fielmente O seguiu, que vos mostre sempre o caminho para Jesus.

Para que vivais o que foi estudado e ensinado. Para que na cátedra e nas publicações não haja nada que não corresponda à fé da Igreja e às directrizes do Magistério. Para que sintais a alegria e a responsabilidade eclesial de transmitir a autêntica doutrina de Cristo aos que a comunicarão aos outros. Para que sejais deveras servidores d'Aquele que é luz, verdade, salvação No Seu nome vos encorajo e abençoo com afecto, juntamente com todos os professores de teologia da Espanha e os seus alunos.